



O VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA FELINA E A SUA IMPORTÂNCIA NOS FELINOS DOMÉSTICOS: REVISÃO DE LITERATURA

AYLA MARIA ABRANTES ABRANCHES

RESUMO

O vírus da imunodeficiência felina é um membro da família *Retroviridae*, como o vírus da Leucemia felina. É uma doença transmitida principalmente através de mordidas em brigas ou em mordidas na cópula, tendo maior ocorrência nos felinos machos não castrados através de brigas territoriais. A atual revisão de literatura tem como o objetivo apresentar a importância da doença e sua transmissão entre os felinos. Foram utilizados como métodos, pesquisas em revistas online de Medicina Veterinária, artigos bibliográficos nacionais e internacionais e livros de Medicina Veterinária. A transmissão também pode ocorrer via transplacentária ou transmamária por fêmeas gestantes soropositivas para o vírus. É de suma importância que os abrigos devem ter políticas para evitar a transmissão de FIV ou FelV entre os gatos. Os felinos soropositivos para a imunodeficiência felina podem entrar em fase de imunodeficiência ficando susceptíveis a infecções secundárias, levando o animal a adoecer com mais facilidade e com maior dificuldade de tratamento. Os felinos soropositivos devem ser avaliados individualmente e tratados de acordo com seus sinais clínicos e as causas de base. Para o seu diagnóstico, pode ser utilizado o teste ELISA na rotina clínica e ter uma confirmação com o PCR, onde procura-se o DNA pró-viral. Com essa revisão, pode-se concluir que o vírus da imunodeficiência felina é extremamente importante para os felinos e na rotina clínica, podendo ser uma doença de difícil diagnóstico pelas suas fases e sinais clínicos brandos. Também deve-se procurar realizar o manejo adequado, realizar as castrações de machos e prevenir o acesso à rua, assim evitando que os animais saudáveis entrem em contato com os animais doentes.

Palavras-chave: FIV; vírus; felinos; imunodeficiência;

1 INTRODUÇÃO

O vírus da imunodeficiência felina (FIV) é um membro da família *Retroviridae* como o vírus da leucemia felina (FelV), mas é classificado em uma subfamília diferente, a *Lentivirinae*, como o HIV, o vírus da anemia infecciosa equina e os vírus da pneumonia progressiva ovina e da artrite-encefalite caprina (LITTLE, 2015).

Atualmente, sabe-se muito sobre a biologia do FIV e do HIV, e ficou claro que a transmissão entre espécies (felino e humano), é improvável, em razão dos receptores celulares específicos utilizados por esses vírus (JERICÓ, 2015).

É uma doença que a transmissão horizontal ocorre principalmente através de mordeduras, sendo em brigas ou no ato da cópula, tendo maior ocorrência naqueles felinos com acesso ao ar livre, em contato com outros felinos e não castrados (MOREIRA, 2021).

Os sinais clínicos e as doenças associadas ao FIV são variados e inespecíficos e, em geral, não constituem um efeito direto do vírus, mas resultam de infecção secundárias que

podem ser tratáveis, como doença cutânea associada ao Demodex. Uma das apresentações clínicas mais comuns é a gengivostomatite crônica (LITTLE, 2015). A terapia dos animais geralmente é sintomática (PERROTI, 2009).

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A atual revisão de literatura sobre o vírus da imunodeficiência felina foi realizada através de pesquisas de artigos bibliográficos nacionais e internacionais, assim como revistas online e livros de Medicina Veterinária, com o objetivo de coletar dados, reunir informações e apresentar a importância da doença e a importância de sua transmissão entre os felinos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os felinos positivos para FIV devem ser mantidos dentro de casa por todo o tempo para evitar a exposição ao vírus de gatos negativos e diminuir a possibilidade de que adquiram uma infecção oportunista (NELSON & COUTO, 2015). A transmissão também pode ocorrer via transplacentária ou transmamária, em casos de fêmeas gestantes portadoras do vírus. A transmissão por uso coletivo de vasilhas de comida e lambedura mútuas não são formas de infecção eficientes, já que o vírus é relativamente instável no meio ambiente e os gatos só ficariam expostos a níveis muito baixos de vírus (FIGUEIREDO, 2019). A transmissão sexual, o modo mais comum de transmissão do HIV, parece ser incomum na FIV, embora o sêmen de felinos infectados frequentemente contenha o vírus (LEVY & CRAWFORD, 2008).

A FIV replica-se nos linfócitos T (CD4+ e CD8+), nos linfócitos B, nos macrófagos e nos astrócitos. A fase primária da infecção ocorre assim que o vírus se dissemina por todo o corpo, inicialmente causando febre de baixo grau, neutropenia e linfadenopatia reativa generalizada. Em seguida, desenvolve-se um período subclínico e latente de duração variável, a duração desse período está relacionada em parte à cepa do vírus e à idade do gato quando infectado (NELSON & COUTO, 2015). A maioria dos felinos infectados elabora uma resposta imune para o vírus, que diminui sua replicação e a carga viral nesses gatos, mas não elimina a infecção. A replicação do vírus continua, mas em níveis muito baixos. Essa fase pode durar meses ou anos (LITTLE, 2015).

Embora a prevalência de FIV em abrigos reflita as taxas relativamente baixas encontradas em gatos domésticos, é provável que milhares de gatos infectados passem por abrigos cada ano. Os abrigos devem ter políticas em vigor para testes, prevenção e resposta a resultados positivos de testes. Os felinos também devem ser testados antes de serem adotados (LEVY & CRAWFORD, 2008).

Os felinos soropositivos para FIV ficam susceptíveis a infecções oportunistas secundárias devido a imunodepressão causada pelo vírus, levando o animal a adoecer com facilidade e com difícil recuperação. Pode ser apresentada pelas formas agudas, assintomáticas e terminais. As complicações mais comuns relacionados a infecções crônicas, secundárias ou associadas a FIV são quadros de enterite, dermatite, gengivite e doença respiratória crônica (GONÇALVES, 2019). As infecções causadas pela FIV raramente são identificadas pelos veterinários, pois os animais infectados não costumam adoecer e, quando mostram sintomas, estes são leves e transitórios. Em geral, os casos de FIV confirmada são de animais com imunossupressão acentuada e infecções causadas por agentes oportunistas (JERICÓ, 2015).

Para o diagnóstico rotineiro, atualmente, baseia-se na detecção do anticorpo específico para o vírus, feito com kits de ELISA ou imunocromatografia (LITTLE, 2015). Estes testes possuem alta sensibilidade e especificidade, entretanto, resultados falsos negativos podem ocorrer quando o teste é realizado no início da infecção. O mesmo erro pode ocorrer na fase terminal da doença, devido à debilidade do sistema imune. O PCR pode ser utilizado como

método confirmatório, que detecta o DNA pró-viral e não anticorpos (GERALDI, 2019).

Como os gatos soropositivos para a FIV não estão necessariamente imunocomprometidos ou doentes em consequência do vírus, o gato deve ser avaliado e tratado em relação a outras causas potenciais da síndrome clínica (NELSON & COUTO, 2015).

A sobrevida dos animais soropositivos depende da influência do meio ambiente e a rapidez no diagnóstico, muitos animais permanecem assintomáticos por longo período de tempo, entretanto animais no estágio terminal apresentam prognóstico desfavorável (PERROTI, 2009). Uma das medidas profiláticas mais importantes é a de proteger os animais infectados pelo FIV de outras infecções ou de se constituir em fonte de infecção para outros animais. Gatos infectados pelo FIV devem ser submetidos ao exame clínico pelo menos a cada 6 meses e sempre monitorados quanto ao peso e possíveis alterações hematológicas ou bioquímicas. O risco e benefício da vacinação em gatos positivos para FIV deverão sempre ser avaliados (TEIXEIRA, 2010).

Não existe um tratamento totalmente eficaz no combate a FIV, e não há cura. Apesar disso, o veterinário ainda pode optar por um tratamento de suporte para melhorar a qualidade de vida desse animal e prevenir futuras doenças secundárias. É necessário uma boa alimentação e um lugar com condições favoráveis para o gato viver tranquilamente longe de estresse (GONÇALVES, 2019).

4 CONCLUSÃO

Com essa revisão de literatura podemos concluir que a imunodeficiência felina é uma doença de extrema importância na rotina clínica e na espécie felina, onde deve-se se atentar mais ao seu diagnóstico, já que pode haver uma dificuldade diagnóstica por causa das fases da doença e de seus sinais clínicos extremamente brandos. Deve-se ser feito um manejo e uma prevenção adequada, evitando-se a disseminação do vírus.

Cada felino soropositivo para o vírus, deve ser avaliado individualmente e tratado seus sinais clínicos e infecções secundárias, se houver. Como o vírus não possui cura, o animal sempre será soropositivo.

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, K. A.; Vírus da imunodeficiência felina: revisão e relato de um caso clínico, Belém-PA. Universidade federal rural da Amazônia, Belém, 2019.

GERALDI, C. S.; Estudo de casos positivos para o vírus da imunodeficiência felina no município de Tubarão/SC no período de 2014 a 2019. Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2019.

JERICÓ, M. M.; Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos. 2º ed., cap. 98, pág. 852. ROCA: Rio de Janeiro, 2015.

LEVY, J.; CRAWFORD, C.; American association of feline practitioners feline retrovírus management guidelines. Journal of feline Medicine and Surgery, vol. 10, p. 300-316, 2008. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1016/j.jfms.2008.03.002>.

LITTLE, S. E.; O gato: medicina interna, 1º ed., cap. 33, p. 1008. ROCA: Rio de Janeiro, 2015.

MOREIRA, M. L.; Retrovirose felina: vírus da imunodeficiência felina. Anápolis, GO, 2021.

NELSON, R. W.; COUTO, G. C. Medicina Interna de Pequenos Animais. 2ª ed., cap. 106, p. 1016, 2006.

PERROTI, I. B. M.; Retrovíroses em felinos domésticos. Botucatu, 2009.

GONÇALVES, R. J.; Vírus da imunodeficiência felina e vírus da leucemia felina. Gama, DF, 2019.

TEIXEIRA, B. M.; Identificação e caracterização do vírus da imunodeficiência felina de amostras obtidas de felinos mantidos em um abrigo na cidade de São Paulo, 2010.